

Destaque Covid-19

A terceira vaga da pandemia em Portugal "O medo vai ter de voltar"

Entrevista

Andrea Cunha Freitas

Carlos Antunes Investigador da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa pede um "fecho integral" e mais rastreio e testagem

Estava habituado a fazer previsões sobre o dramático efeito das alterações climáticas. Agora tudo o que Carlos Antunes faz é sobre covid-19. Em entrevista ao PÚBLICO no dia em que o Governo anunciou que iria fechar as escolas depois de vários dias de hesitação, o investigador constata que andámos a perder tempo e que perdemos o controlo. "Estamos a caminhar para o caos, deixámos de controlar o sistema. O sistema é que nos está a controlar a nós."

Devíamos fechar tudo. E testar mais, muito mais. E, mesmo assim, avisa Carlos Antunes, convém estarmos preparados para os murros no estômago que aí vêm, nomeadamente com a chegada da variante do Reino Unido. Talvez agora o medo volte. É isso que é preciso, diz o investigador que se confessa quase tão triste como preocupado e que espera agora que os portugueses tenham medo, tenham muito medo. Muito mais do que tiveram em Março.

A novidade do dia é o fecho das escolas. O que é que isso muda?
Em princípio, do ponto de vista teórico, todos os contactos que sejam reduzidos vão ajudar. O que se sabe, pela monitorização noutras países, é que reduzir os contactos vai ter um impacto.

Qual?
Vai depender da dimensão das medidas. É só as escolas ou vai haver mais medidas? Penso que devem vir aí mais medidas. O objectivo será exactamente tentar ter pelo menos o impacto que tivemos em Março. Contudo, nós já sabemos que o impacto de Março é insuficiente. Os médicos estavam preparados para oito semanas para conseguirmos chegar ao nível do Natal. O que estamos a observar é que essa trajectória afinal não é de oito semanas, mas pode ser de dois meses e meio, três meses. Portanto, temos de conseguir melhores resultados do que tivemos em Março. Tem de ser uma coisa mesmo integral.

O que é isso de uma coisa mesmo integral?

Daquilo que vejo nos outros países, só permitir a saída de casa mesmo só exclusivamente para aquilo que é essencial e só uma pessoa de cada casa. Não ter ninguém na rua. Nem os passeios higiénicos, mesmo esses têm de ser mínimos e à volta de casa. Houve países que puseram uma limitação a cinco quilómetros. A questão é que, ao nível de incidência em que nós estamos, temos de fechar tudo o que seja possível.

Fecho integral também devia incluir o take-away dos restaurantes?

Acho que sim.

E o trabalho, há pessoas que não podem fazer o seu trabalho à distância...

Se é um serviço mínimo, a questão, por exemplo, da cadeia de distribuição de produtos essenciais para os mercados tem de se manter. **Mas há fábricas...**

Exacto. Ou a construção civil. Há um conjunto de actividades que podem ser fechadas durante uma semana ou 15 dias. Porque enquanto não conseguirmos reduzir ao máximo os contactos não conseguimos trazer a incidência para baixo. Ela está muito elevada. Isto está disseminado por todos os concelhos. O mapa está quase todo vermelho. Passámos o limite. O problema é que agora não queremos aceitar estas medidas drásticas, mas não compreendemos que fomos além daquilo que podíamos ter ido. Deixámos que a terceira vaga partisse de um valor muito elevado.

E agora?

E agora ainda temos o problema da nova variante. Sabemos que no final do mês vamos ter 60% de contágio com a nova variante. Repare o que é que significa uma variante que aumenta a sua carga viral no trato respiratório superior em 32 vezes. Com esta variante a circular, isso não vai permitir reduzir a incidência a níveis que necessitamos.

E é por isso que precisamos do tal fecho integral?

Sim. Mas não só. Embora existam pessoas que são contra e que dizem que é impraticável porque não há recursos, a única forma é também duplicar, triplicar ou quadruplicar a capacidade de rastreio, inquéritos epidemiológicos e testagem. Estávamos quase a enveredar por ir para as escolas restar os alunos todos. Isso é uma testagem aleatória e com isso não se encontra quase nada. Foi o que demonstrámos no Natal. Aquela corrida aos laboratórios não alterou a curva de casos. A

testagem tem de ser feita de forma criteriosa.

E temos capacidade para duplicar, triplicar a capacidade de rastreio e testagem?

Actualmente não temos porque não foi planeada. Mas não percebo porque é que ainda não se falou em aumentar significativamente a capacidade de testagem. O problema é que quem faz inquéritos tem de ter formação específica e isso é uma coisa que leva tempo. E porque leva tempo devíamos ter pensado: "OK, quando ultrapassarmos X número de casos por dia temos de aumentar 50% a capacidade." Ninguém pensou nisso.

Ainda vamos a tempo?

Não sei, mas quando estamos em guerra qualquer arma serve. Já devíamos estar a fazer isso.

Estamos a perder tempo?

Estamos a perder tempo. Nós não sabemos qual é a parte desta variante e não sabemos quando chega a variante do Brasil e da África do Sul. Não de chegar. E elas fazem um *cocktail* perfeito. Portanto, nós temos de preparar sempre com antevisão. O problema do nosso país é não ter uma visão estratégica, a longo prazo.

Um plano para o pior?

É isso que faz em análise de risco. Essa é a minha especialidade. Trabalho também na avaliação de emergência climática e é isso que se faz. Se estivémos preparados para o pior, mesmo que isso tenha tido algum custo, o dano que causamos é menor do que se não estivémos preparados. É claro que no lado da economia se vê mais a curto prazo.

De acordo com seus modelos, com fecho total e rastreios, quando e como teremos um impacto?

Não sei. O meu modelo não pega nessas variáveis. Esses são os chamados modelos não lineares e são muito sensíveis.

Então, saindo um pouco do rigor...

O que sei é que se nós continuarmos assim conforme estamos, só iremos regressar a níveis de pré-Natal lá para fim de Março ou Abril. O meu modelo diz-me Abril.

Como é que as medidas tomadas agora de fecho das escolas, por exemplo, podem antecipar essa situação?

Podem. Podem regressar ao primeiro cenário que nós temos. Que era conseguirmos isso em oito semanas.

O Ministério da Saúde tem dito que os testes aumentaram...
Pois, porque os testes vão atrás. E o



que estou a ver é que vão atrás a uma velocidade muito inferior à infecção. Aquela imagem que dou: isto é uma corrida. O vírus vai à nossa frente e vai infectando pessoas. E nós vamos atrás dele detectando pessoas com o nosso sistema de rastreio. Se a nossa velocidade de detectar é inferior à velocidade com que o vírus infecta pessoas, então a vantagem que ele nos leva vai aumentando cada vez mais e nós para reduzir essa vantagem temos de correr mais rápido que ele. Temos de testar e identificar casos mais rápido do que está a infectar pessoas. Esta é a estratégia. Para nós reduzimos a vantagem que hoje ele nos leva, a outra é aplicar medidas para reduzir a própria velocidade do vírus. Essas medidas são confinamento, redução de contactos e protecção individual. Redução de exposição ao vírus. Não posso apostar só numa medida. Só conseguimos chegar ao pico da onda quando estivémos a captar exactamente o mesmo número de casos que o vírus está a contagiar.

Os vossos modelos dizem quanto?

Sim, estimamos isso e são os 2500, 2700 casos por dia que estamos a perder. E que 60 a 70% serão casos assintomáticos.

Neste momento, nessa corrida a vacina é uma meta que está muito ao longe?

Exactamente. Isso vai depender ainda da velocidade com que chegam as vacinas e da velocidade com que se vacinam as pessoas. A esperança é que lá para o final do Verão tenhamos imunidade e vamos começar o Outono já não com uma epidemia mas com surtos. Os efeitos poderão começar a sentir-se numa redução de letalidade e internamentos lá para Março. Na incidência só mesmo lá para Maio, Junho. Temos de fazer o trabalho até lá e isso é uma maratona para o SNS.

Na corrida, o vírus ganhou uma enorme vantagem este mês?

Sim e eu consigo calcular essa vantagem. No início do ano, a vantagem do vírus relativamente ao nosso sistema de rastreio era de



RICARDO IOPES

sequer lá chegar. Nunca tivemos essa estratégia.

Mas aí não estávamos a pisar os calos aos portugueses porque estávamos a agir antes disso...

Pois. Essa é a resposta que me dão. "Tu não ias conseguir convencer ninguém com essa estratégia."

Portanto, isto mostra a capacidade organizativa de um país perceber isso ou não perceber. E é por aí que falo da diferença entre países.

E ainda vamos a tempo de os convencer?

Não, não vamos. Nós perdemos o controlo. Estamos a caminhar para o caos, deixámos de controlar o sistema. O sistema é que nos está a controlar a nós. Temos uma incidência extremamente elevada, temos uma variante que está a caminho e que em Lisboa e Vale do Tejo deve ter agora já 30% de prevalência. Daqui a três semanas estará a 60% no país. Podem ainda existir outras variantes e que vai contaminar mais 50% de casos do que esta variante. É o efeito cascata.

O que é isso? Temos um impacto e estamos a preparar e tentar ajustar a esse impacto e logo a seguir levamos outro e depois levamos outro...

Temos de ter essa visão de longo prazo, mesmo que as medidas que a gente aplique sejam exageradas. Pelo menos preparam-nos para o pior e conseguimos evitar o pior. É assim que se vê as grandes sociedades organizadas e não organizadas. Aquelas que se baseiam no conhecimento rigoroso e aquelas que não se baseiam no conhecimento rigoroso.

E agora? Agora vamos pisar os calos dos portugueses?

Agora os portugueses vão sentir. **E então vamos nos portar melhor?**

Quero acreditar nisso. O medo vai ter de voltar. Só com o medo é que nós agimos em Março. Foi um medo exagerado, mas que foi suficiente para nos proteger. O medo é uma forma de prevenção. Uma criança, por exemplo, tem de aprender a ter medo porque é isso que a protege. A humanidade e todas as espécies desenvolveram esse instinto, esse sentimento, essa protecção. O problema é que nós numa sociedade tão sofisticada, tão moderna, achamos que isso é do passado, é uma coisa antiquada.

Neste momento está mais triste do que preocupado?

Estou muito preocupado mas a tristeza começa-me a invadir. Antes existia a preocupação porque eu antevia essas coisas. Mas o que me entristece é confirmar aquilo que eu suspeitava há 15 dias e o que iria acontecer nos hospitais. Quando o Presidente da República disse que ainda não tínhamos dados...

Já tínhamos?

Eu só publiquei nas redes sociais que estávamos na terceira vaga no

dia 1 de Janeiro, mas soube antes. Monitorizei as terceiras vagas nos outros países e percebi a dinâmica. E portanto consegui captar qual era o sinal. Mas as autoridades continuavam a dizer que ainda não tinham informação quando já havia especialistas que já sabiam que estava a começar uma terceira vaga. Com uma subida muito mais repentina e muito mais exponencial. E obviamente sabíamos que isso iria disparar para os 10, 12 mil casos. Os óbitos começaram a subir logo depois da incidência, coisa que nunca tinha acontecido. Os internamentos começaram a subir seis dias depois. Só esses dois indicadores já diziam que a gravidade era elevada.

Elevadíssima. E já sabíamos que ia cair a variante. Comecei a fazer simulações logo em Novembro

O que é que isso significa agora?

Agora, com esta variante, com mais 50%, nós vamos passar para 20 mil casos.

Em Fevereiro?

A nova variante tem a capacidade de infectar, em média, 56% mais pessoas. Se no final de Fevereiro a variante estiver dominante, o número de infecções em Fevereiro é 50 vezes superior. Se, por exemplo, estivermos em Fevereiro com 17 mil casos, esta variante vai fazer subir para mais de 25 mil casos por dia.

O que pode acontecer se não optarmos por medidas radicais?

Vamos prolongar esta vaga no tempo.

E o SNS aguenta?

Não, não aguenta. Os médicos estavam preparados para oito semanas. Se forem dois meses ou três... não aguenta. Mesmo com oito semanas nós já estamos mesmo a inventar.

Chegou finalmente a altura em que vamos dar um murro na mesa?

Em vez do princípio "mais vale prevenir do que remediar", estamos a optar pelo "mais vale tarde do que nunca". No meu ponto de vista, a economia sofreria menos se tivéssemos apertado logo no início com um confinamento de 15 dias e estaríamos agora a respirar.

Não fique desmotivado e não deixe de trabalhar...

Eu já não tenho medo de nada. As vezes temos medo que nos deixem de mandar os dados da DGS se a gente falar de mais. Mas já entrei numa espiral que sei que temos mesmo de acordar a consciência das pessoas.

Infelizmente, não têm boas notícias para dar...

Não temos. Por isso, às vezes penso que é importante dar uma mensagem positiva.

Qual?

Acredito que a gente vai responder e que aquela curva que tenho ali não vai ocorrer. É a minha esperança.

400 casos por dia que nós não apanhávamos. A diferença entre o número de contágios e o número de casos identificados era 400. Essa vantagem foi aumentando e está em 2800, e agora estabilizou. Esta vantagem tem de diminuir.

Isto parece a história da lebre e da tartaruga...

Exactamente! Nós não podemos deixar dar avanço ao vírus. Temos de ser nós a correr à frente. Defendo isto há bastante tempo. Começámos a ouvir em Setembro os ingleses a falar em testes maciços. E vimos noutros sítios. Há um indicador que é a positividade e a Organização Mundial da Saúde tem uma recomendação, a positividade tem de ser mantida abaixo dos 5%

Num artigo recente referia que estava nos 17% em Portugal...

Já estamos em 19%. Ontem chegámos a 19%. Contudo, já ultrapassamos os 62 mil testes por dia, está a ver? Só que a velocidade com que estamos a andar é insuficiente.

Andamos de facto, como já disse, a perder tempo?

Completamente. No Verão fazíamos 20 mil testes e nessa altura detectávamos que? 300 ou 400 casos. Agora temos 12 mil casos e fazemos 62 mil testes no máximo... Devíamos estar a testar dez vezes mais...

Diz-me que nos devíamos ter preparado para o pior. Era possível antecipar tudo isto?

Sim, o que eu vejo aqui de erro sistemático é... quem decide... bem... nós estamos a aprender. Todos estamos a aprender com uma coisa que aconteceu há cem anos e não temos grandes registos. Estamos muito mais sofisticados, mas mesmo assim não tínhamos conhecimento. E depois há o próprio comportamento das pessoas. A própria estrutura social de um país tem influência. Não posso comparar uma Suécia ou uma Áustria com Portugal, são coisas completamente diferentes. Não só do ponto de vista organizativo, de compromisso e responsabilidade... Somos diferentes.

Não somos responsáveis?

Só somos responsáveis quando, de

facto, nos pisam os calos. Quando nos pisam os calos e nós sentimos a dor, a gente reage e responde e aí somos exímios. Ou seja, no limite, somos os maiores de todos, mas nós temos incapacidade de saber é qual é o limite. Numa situação de pressão, somos os melhores.

O que é que é preciso fazer para pisar os calos dos portugueses?

...deixe-me só acabar. O nosso erro foi a falta de compreensão da dinâmica da infecção. Subestimamos a perigosidade da infecção e não conseguimos planejar e perceber qual era a importância das armas que temos ao nosso dispor e não as planeamos devidamente. Do meu ponto de vista, o principal erro foi o país não ter posto um limiar de incidência diária. Se o país tivesse posto um limiar, imaginemos que era três mil casos diários. Não podemos ultrapassar os três mil casos diários. Não é quando chegamos aos três mil agimos, mas quando vemos que vamos atingir isso daqui a uma ou duas semanas, actuamos logo para nem